



Nº 02

Fevereiro
2020

O conjunto da obra é o que preocupa

Humberto Dantas *

O Carnaval parece ser ideal para o presidente Jair Bolsonaro causar polêmicas. Ano passado foi muito inadequada a reprodução de um vídeo do que se convencionou chamar de o episódio do “Golden Shower” nas redes sociais. Passou. A despeito de alguns traumas e lembranças fáceis até hoje. A questão agora é mais delicada. Não pelo fato em si, se ele tivesse sido isolado. Mas trata-se de atitude que reforça o conjunto de uma obra extensa e pouco confortável aos olhos de valores centrais à democracia.

Visão sobre democracia

Já mencionamos aqui a existência de uma distância expressiva entre o conceito de democracia e a visão dos Bolsonaro acerca do tema. A percepção se deu graças a notícias de bastidores, da equipe que trabalhou em sua campanha, que afirmava algo ao estilo: “se ganharmos as eleições teremos o controle de tudo. Será a nossa vez”. A máxima de pleitos majoritários, de fato indica que “o vencedor leva tudo”. Mas isso é um princípio eleitoral que não combina com o que se entende pelo ato de governar democraticamente. Desde 1994, Jair Bolsonaro é o presidente que se elegeu com a menor bancada partidária da história - se somarmos o partido do titular e do vice-presidente. Em 1998, por exemplo, PSDB e PFL (hoje DEM) ultrapassaram 200 cadeiras na Câmara. O PSL de 2018 fez menos de 55, e o presidente já abandonou seu partido. Quem não sabe dividir não governa, e isso parece desagradar a Bolsonaro.

Assim, a visão teórica de democracia, bem como aquilo que se busca colocar em prática, são fenômenos muito mais complexos do que

tornar plenos os desejos de um grupo eleito. Fosse assim, e não seria necessária a existência de um Legislativo para modular e mediar aspectos centrais desses desejos, tampouco um Judiciário para frear ímpetos e julgar.

Desapego histórico

Para além dos pontos destacados sobre um desvio ao que se entende sobre democracia no Planalto, Bolsonaro defendeu historicamente governos autoritários, chegando mesmo a promover falas elogiosas, anos atrás, ao venezuelano Hugo Chavez.

No Brasil, se notabilizou por polêmicas agressivas e afeitas ao regime autoritário que vigorou no país entre 1964 e 1985. Sempre sob o argumento de que tais governos evitaram que o país fosse tomado por um comunismo que nunca se aproximou de consolidar-se, louvou seus colegas militares como heróis de um discurso e de uma prática absolutamente autoritárias e pouco razoáveis. Ninguém saberá o que seria do Brasil sem os 21 anos de um governo chamado de provisório, mas é inegável que as mortes e a violação aos direitos basilares ocorreram de forma assombrosa. Bolsonaro não concorda com essa visão. Defende a peça sombria de nossa história. Ademais, agride verbalmente quem discorda dele, e também é agredido.

O ambiente em seu entorno não é carregado de leveza, pelo contrário. Faz meses dissemos aqui que esse governo é caracterizado por ser DE conflito, e vive EM conflito. Internamente as brigas são permanentes entre diferentes setores.

Ademais, muitos foram os ataques





ao contraditório, sobretudo quando o presidente e seus filhos estão acuados. Assim, historicamente, para quem prestou atenção no parlamentar Jair Bolsonaro, e mais recentemente no presidente, seu desapego a aspectos gerais da democracia se tornam pouco razoáveis e o revestem de uma aura de desconfiança por parte de parcelas traumatizadas por duas décadas de autoritarismo.

O que é chantagista?

Quando o filho de Jair Bolsonaro, em tom de deboche absoluto, afirmou em uma aula que bastava um jipe e um soldado para fechar a suprema corte do país, a fala foi muito criticada. Mais recentemente, e a despeito de tantas outras aberrações, o ministro que fez alusão ao nazismo resistiu algumas horas no poder sob declarada proteção do presidente. Findou demitido. Mais recentemente o centro da nova polêmica: uma fala de um outro ministro, vindo das forças armadas, dando conta de que o Congresso Nacional chantageava a Presidência, o que findou ofertando a sensação de que defendia o seu fechamento. Para adensar o cenário, convocação para manifestação contrária ao STF e ao Poder Legislativo foi marcada para 15 de março por grupos de apoiadores do presidente da República. O que desejam efetivamente? Uma manifestação democrática e crítica em relação a dois dos poderes da nação, ou a incitação ao fechamento de instituições essenciais à democracia?

Antes de responder a essa questão, um outro ponto é fundamental: o que exatamente membros do governo querem dizer quando falam em

chantagem? Infelizmente, no Brasil, convenciamos associar a lógica de construção de governo à corrupção. Isso representa de forma absoluta e assombrosa a imaturidade de uma sociedade avessa a parte do que é natural numa democracia. Um governo eleito com minoria no Congresso não pode sonhar em governar sem ceder. A percepção desse grupo em relação à democracia encontra aqui sua mais severa resistência: não existe possibilidade de Bolsonaro impor sua agenda sem conversar. Legalmente a flexibilização de algumas políticas públicas, pautas, desejos, cargos etc. são essenciais, algo normal em qualquer país democrático, sobretudo quando se está em desvantagem.

As alternativas a isso seriam: perder e tentar jogar a opinião pública contra o Congresso, o que Bolsonaro não sabe fazer porque é um desagregador nato, ou ameaçar. E é isso que ele parece realizar. Se fosse um cidadão comum, talvez parte de suas bravatas passassem despercebidas, mas se trata do Presidente de uma República traumatizada por um passado comemorado por esse mesmo agente. Os ânimos, assim, se corroem facilmente. Fica difícil, para algumas parcelas da sociedade, fugir à segunda parte da pergunta do penúltimo parágrafo: “a incitação ao fechamento de instituições essenciais atreladas à democracia” sob o entendimento de alguns governistas entrou na pauta de apoiadores do Planalto. Resultado: rachas, conflitos e incertezas.

A explosão

A situação piora quando Bolsonaro é acusado de disseminar um vídeo de seu celular convocando

para o manifesto de 15 de março. O que ele fez? Exerceu sua liberdade de inspirar uma movimentação da sociedade, como defende, ou ameaçou de forma absoluta e inconstitucional os demais poderes, sendo possível pensar num pedido de *impeachment*? Não parece possível apostar em quaisquer dos pontos extremos. Mas o presidente incitou sua militância, pouco democrática. Ademais, o narrador do vídeo é funcionário de organismo público ligado ao turismo. Para completar, acuado, Bolsonaro disse que o vídeo divulgado era de 2015, e a jornalista que retratou o fato foi chamada de mentirosa. Impossível: as imagens trazem o atentado sofrido em 2018 e a narração o chama de presidente, ou seja, a produção é recente.

E agora? Agora o país deixou de falar do assassinato de Adriano, miliciano ligado aos Bolsonaros. Não é a primeira vez que a estratégia é utilizada. Foi intencional?

As opiniões externadas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Não são necessariamente opiniões da Fundação Konrad Adenauer.